

**“Oigaletê! Meteram fogo no CTG!”:
comentários e manifestações de intolerância nas [e a partir das] publicações de
veículos midiáticos em suas páginas em redes sociais**

Ariele Cardoso

Neste trabalho proponho analisar como as ressonâncias provocadas por publicações de veículos de comunicação atuam na sociedade, promovendo redes que podem gerar manifestações para além dos meios digitais. É o caso citado já no título deste paper, onde parafraseio o título de uma música gauchesca, inspirada “em fatos reais”. Este caso, ocorrido em julho de 2014, portanto antes mesmo das eleições presidenciais que geraram furor nas redes sociais, muitas pessoas acessaram as páginas de jornais na internet e destilaram críticas a uma notícia, em particular: a programação de um casamento civil com possibilidade de inscrição de casais homoafetivos em um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) nas proximidades da comemoração do “dia do gaúcho”. Apesar de a palavra “gaúcho” ser também – e principalmente – gentílico do Rio Grande do Sul, e não se referir somente àqueles que estão inseridos em contextos tradicionalistas, nativistas ou associativistas de alguma forma, a notícia provocou um fenômeno de intolerância e agressividade, publicitada na *internet*. O jornalista Giovanni Grizotti, do blog Repórter Farroupilha, vinculado ao Grupo Rede Brasil Sul (RBS) de Comunicação e às Organizações Globo, afirma que foi o primeiro a “dar a notícia”. Sua matéria foi veiculada em seu blog, hospedado na *página* da Globo na internet (G1.com) em 10 de julho de 2014, e intitulada “CTG de Livramento poderá ter casamento gay em setembro”.

A relevância deste evento para analisarmos comunicação e antropologia está, para além das manifestações na internet, nos acontecimentos fora dela. O resultado, neste caso, foi uma ampla cobertura midiática e matérias nas páginas dos jornais com mais de 800 comentários. O resultado foi um “patrão de CTG” ameaçado de morte e tendo que andar escoltado pela cidade. O CTG, por sua vez, foi alvo de um incêndio criminoso, o que impossibilitou a realização do evento naquele local. O casamento civil coletivo foi concretizado com um casal de lésbicas oficializando a união no fórum da cidade, decorado com as cores da bandeira do estado do Rio Grande do Sul e com bandeiras coloridas como o arco-íris, símbolo dos movimentos LGBT. E a presença de convidados trajados, além da celebração ter sido ministrada por uma juíza “vestida de prenda”, vestida de gaúcha.

Assim como neste caso, as redes sociais estão constantemente sendo palco para ressonâncias de notícias publicadas com o apelo da imediatez e com pouca análise sobre suas consequências. Os últimos acontecimentos políticos, desde a reeleição presidencial de 2014, vêm gerando debates sobre o fazer jornalístico e a repercussão na sociedade. Neste cenário, tomando como exemplo – e início – a etnografia realizada a partir do “casamento gay no CTG”, procuro analisar como os veículos de comunicação se inserem no ciberespaço - e como a sociedade reage às publicações destes veículos, além de colaborar com os debates sobre a antropologia do ciberespaço e a antropologia da comunicação.